

A ESTÉTICA COMO ÉTICA DE VIDA: O PROJETO FAROL ENCANTADO E O DESIGN PERIFÉRICO

AESTHETICS AS AN ETHICS OF LIFE: THE FAROL ENCANTADO PROJECT AND PERIPHERAL DESIGN



LA ESTÉTICA COMO ÉTICA DE LA VIDA: EL PROYECTO FAROL ENCANTADO Y EL DISEÑO PERIFÉRICO

Noelle Abreu Siebra¹

Resumo: O presente artigo analisa as repercussões psicossociais da arte e da estética na vida dos moradores das periferias de Fortaleza, tomando como estudo de caso o projeto Farol Encantado, desenvolvido na comunidade do Mucuripe. Fundamentado na Psicologia Social Comunitária, na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da filosofia de Espinosa, o estudo adota uma abordagem qualitativa, articulando entrevistas semiestruturadas com participantes e idealizadores do projeto, a uma revisão teórica baseada em autores como Vygotsky, Sawaia, Espinosa e Fischer. Os resultados evidenciam que a experiência estética, ao ultrapassar o campo do sensível, configura-se como prática ética e política, promovendo fortalecimento comunitário, sentimento de pertencimento e ampliação da potência de agir. A arte, nesse contexto, atua como mediadora simbólica de transformação subjetiva e social. Conclui-se que a estética, quando vivida como prática cotidiana, afirma-se como ética da existência e caminho de emancipação, revelando o poder da arte em reencantar o território e ressignificar a vida nas margens urbanas.

Palavras-chaves: Psicologia Social Comunitária; Arte e Estética; Fortalecimento Comunitário; Emancipação; Periferia de Fortaleza.

Abstract: This article analyzes the psychosocial repercussions of art and aesthetics in the lives of residents of the outskirts of Fortaleza, taking as a case study the Farol Encantado project, developed in the Mucuripe community. Grounded in Community Social Psychology, from the perspective of historical-cultural psychology and the philosophy of Spinoza, the study adopts a qualitative approach, articulating semi-structured interviews with participants and creators of the project, with a theoretical review based on authors such as Vygotsky, Sawaia, Spinoza, and Fischer. The results show that the aesthetic experience, by transcending the realm of the senses, is configured as an ethical and political practice, promoting community strengthening, a sense of belonging, and an expansion of the power to act. Art, in this context,

¹   Possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), pós-graduação em Psicopedagogia pela UniFanor Wyden Foi pesquisadora no Núcleo de Psicologia Social e do Trabalho (NUSOL). Atualmente é coordenadora do Núcleo de Apoio e Atendimento Psicopedagógico (NAAP) nas unidades Dunas e Bezerra de Menezes da UniFanor. Tem experiência nas áreas da Psicologia Social Comunitária, no trabalho com crianças, adolescentes e mulheres em contexto de vulnerabilidade psicossocial e pobreza multidimensional, na Psicologia Educacional e Psicologia Clínica, atualmente atuando no atendimento de crianças, adolescentes e adultos por orientação da abordagem psicanalítica.

acts as a symbolic mediator of subjective and social transformation. It concludes that aesthetics, when experienced as a daily practice, affirms itself as an ethics of existence and a path to emancipation, revealing the power of art to re-enchant the territory and give new meaning to life on the urban margins.

Keywords: Community Social Psychology; Art and Aesthetics; Community Empowerment; Empowerment; Periphery of Fortaleza.

Resúmen: Este artículo analiza las repercusiones psicosociales del arte y la estética en la vida de los habitantes de la periferia de Fortaleza, tomando como caso de estudio el proyecto Farol Encantado, desarrollado en la comunidad de Mucuripe. Fundamentado en la Psicología Social Comunitaria, desde la perspectiva de la psicología histórico-cultural y la filosofía de Spinoza, el estudio adopta un enfoque cualitativo, articulando entrevistas semiestructuradas con participantes y creadores del proyecto, con una revisión teórica basada en autores como Vygotsky, Sawaia, Spinoza y Fischer. Los resultados muestran que la experiencia estética, al trascender el ámbito de los sentidos, se configura como una práctica ética y política, que promueve el fortalecimiento comunitario, el sentido de pertenencia y la expansión del poder de acción. El arte, en este contexto, actúa como mediador simbólico de la transformación subjetiva y social. Concluye que la estética, cuando se experimenta como una práctica cotidiana, se afirma como una ética de la existencia y un camino hacia la emancipación, revelando el poder del arte para reencantar el territorio y dar un nuevo significado a la vida en los márgenes urbanos.

Palabras clave: Psicología social comunitaria; Arte y estética; Empoderamiento comunitario; Empoderamiento; Periferia de Fortaleza.

1 Introdução

A arte, quando emerge dos territórios periféricos, carrega uma potência que ultrapassa o campo da expressão estética: ela se converte em ética da existência. No bairro do Mucuripe, em Fortaleza, essa potência se manifesta no projeto Farol Encantado, iniciativa que une artistas, educadores e moradores na revitalização das escadarias e muros da comunidade, transformando o concreto em superfície simbólica e o cotidiano em linguagem. Trata-se de uma experiência que afirma o direito à beleza como dimensão política da vida, articulando arte, pertencimento e resistência frente às condições de vulnerabilidade social.

Historicamente, o Mucuripe foi um território de pesca e de solidariedade, mas também um espaço tensionado pela especulação imobiliária e pelas desigualdades estruturais que marcam a cidade. Os moradores, sujeitos situados em um contexto de uma pobreza que é ao mesmo tempo material e simbólica, vivem o que Sawaia (2011) denomina de pobreza multidimensional — um estado que ultrapassa a carência econômica e se manifesta como negação de voz, de representação e de potência de agir. Nesse contexto, práticas estéticas comunitárias ganham força como dispositivos de resistência, abrindo brechas de humanização onde o sofrimento psíquico e social tende a silenciar.

Ao propor a análise da estética como ética da vida, o presente estudo parte da compreensão de que a arte não é mero adorno cultural, mas uma dimensão fundante do humano. A criação artística, conforme argumenta Fischer (1949), está enraizada na necessidade vital de compreender e transformar o mundo; é uma forma de consciência social. Do mesmo modo, Vygotsky (1925; 2001) entende a arte como atividade superior, mediadora entre emoção e pensamento, capaz de suscitar reorganizações subjetivas e coletivas. Essa perspectiva é fundamental para compreender o papel da experiência

estética no fortalecimento psicossocial de comunidades periféricas, em que a criação artística se confunde com o próprio gesto de existir.

Essa abordagem também se ancora em uma concepção ética da estética que remonta a Espinosa (1677), para quem a potência de agir (conatus) é ampliada quando o sujeito se afeta de alegria. Nesse sentido, compreender o projeto Farol Encantado significa analisar um movimento de produção de alegria, pertencimento e autonomia — ou seja, um movimento ético-estético de resistência à desumanização. Ao aproximar arte, psicologia e filosofia, o artigo propõe uma leitura interdisciplinar e humanizadora da estética, entendendo-a como linguagem da vida e não como ornamento da cultura.

O presente artigo tem como objetivo geral analisar as repercussões psicossociais da arte e da estética na vida dos moradores das periferias de Fortaleza, tomando como estudo de caso a comunidade do Mucuripe e o projeto Farol Encantado. Entre os objetivos específicos, busca-se: a) discutir os impactos psicossociais da pobreza multidimensional à luz da psicologia social comunitária brasileira; b) compreender os efeitos da experiência artística na constituição subjetiva dos participantes; c) refletir sobre o compromisso ético e político da estética como forma de potencialização do sujeito.

O método adotado articula entrevistas semiestruturadas com idealizadores e participantes do projeto, além de uma revisão teórica sobre conceitos da psicologia histórico-cultural, da filosofia política e da estética, com destaque para autores como Vygotsky (1925; 2001), Sawaia (2011), Espinosa (1677) e Fischer (1949), cujas perspectivas dialogam sobre arte, afeto, humanização e ética da vida.

A estrutura do texto se organiza em quatro partes: a primeira apresenta uma revisão teórica sobre estética, ética e subjetivação; a segunda descreve o percurso metodológico; a terceira discute os resultados da pesquisa e as repercussões psicossociais observadas; e, por fim, são tecidas considerações finais sobre o papel da arte como mediadora de transformação e pertencimento comunitária.

2 Revisão de literatura

A arte, em sua dimensão estética e política, constitui um campo privilegiado de produção de sentidos e de transformação das formas de vida. Em diálogo com a tradição histórico-cultural de Vygotsky (2001), compreende-se que a experiência estética não é mero adorno da existência, mas um modo de relação ativa entre sujeito e mundo, na qual o sensível se torna via de conhecimento e de emancipação. Para o autor, a arte é forma social de mediação entre o individual e o coletivo, entre a emoção e o pensamento, sendo o espaço em que o humano se reconhece como criador e recriador de sua própria realidade. Vygotsky concebe a educação estética como um processo de desenvolvimento integral, no qual a imaginação, a linguagem e a afetividade se articulam em práticas concretas de humanização. Assim, ao se apropriar da arte, o sujeito não

apenas contempla, mas reorganiza o próprio mundo simbólico, imprimindo-lhe novos sentidos.

Essa dimensão transformadora da arte é também reconhecida por Sawaia (2011), cuja psicologia social crítica propõe compreender o sofrimento e a alegria como afetos sociais que emergem das condições concretas de vida. A autora aproxima a estética da ética e da política, ao sustentar que a vivência da beleza e da criação pode ser um caminho de resistência às desigualdades que produzem a negação de potência e de pertencimento. Para Sawaia, a pobreza multidimensional não se restringe à falta de recursos materiais, mas à limitação da potência de agir e de se expressar. Nessa perspectiva, os projetos comunitários que promovem experiências artísticas — como o Farol Encantado — tornam-se práticas de superação simbólica do sofrimento ético-político, pois reinstauram a possibilidade de enraizamento, voz e reconhecimento coletivo.

A Psicologia Social Comunitária, ao articular a crítica às condições de opressão com a valorização das práticas emancipatórias locais, oferece um referencial fecundo para compreender essas experiências. Conforme Lane e Sawaia (2007), o sujeito é constituído nas relações históricas e sociais, e sua emancipação passa pelo fortalecimento da consciência e da participação no território. O trabalho comunitário, nesse sentido, é ético e estético, pois implica recriar as formas de convivência, reinventar o cotidiano e instaurar novas narrativas possíveis. A comunidade deixa de ser objeto de intervenção para se tornar sujeito de criação, rompendo com a lógica colonial e excludente que a reduz ao déficit ou à carência.

Pensar a estética como ética da vida implica compreender a arte não apenas como manifestação sensível, mas como potência de existir, como expressão de uma força ontológica que atravessa os sujeitos e seus mundos. Nessa direção, as contribuições de Vygotsky, Sawaia, da Psicologia Social Comunitária e de Espinosa oferecem um campo conceitual fecundo para compreender a experiência estética como prática emancipatória, articulando subjetividade, coletividade e transformação social.

Na tradição histórico-cultural de Vygotsky (1925; 2001), a arte é uma forma superior de atividade humana. Ela sintetiza a unidade dialética entre o emocional e o racional, entre o biológico e o social, revelando que o humano não nasce pronto, mas se constitui historicamente por meio das mediações simbólicas. O autor afirma que a emoção estética atua como força transformadora, reconfigurando o campo das vivências e instaurando novos modos de relação com o real. O processo de criação e de fruição artística promove a reorganização interna das funções psicológicas superiores, como a imaginação, a memória e a linguagem, que são, em essência, processos sociais internalizados. Assim, a arte, ao agir sobre a emoção, atua também sobre a consciência, formando o sujeito histórico.

A imaginação criadora, categoria central em Vygotsky, não é apenas fantasia ou fuga da realidade, mas a capacidade de reelaborar o vivido e projetar novas formas de existência. No âmbito comunitário, essa imaginação se traduz em ação concreta: o morador que pinta um muro, o jovem que grafita sua escadaria, o artista que ressignifica

o espaço urbano — todos participam de um movimento coletivo de transformação simbólica e material. Essa atividade estética, mediada socialmente, torna-se um espaço privilegiado de formação de consciência e de subjetivação emancipadora, pois o sujeito, ao criar, também se cria. A vivência estética, para Vygotsky, não apenas reflete o mundo, mas o refaz; ela produz sentido e reorganiza o campo afetivo, instaurando novas possibilidades de ser.

Sawaia (2011), ao desenvolver a noção de sofrimento ético-político, aproxima a estética da ética e da política, mostrando que o sofrimento humano nas sociedades desiguais é resultado de processos de desvalorização, exclusão e negação da potência de agir. Inspirada na tradição espinosana e na psicologia histórico-social, Sawaia compreende que as emoções — alegria, tristeza, medo, esperança — são expressões sociais e políticas, não meramente individuais. A alegria, como afeto ativo, é a potência de afirmação da vida, e a estética, quando vivida coletivamente, pode converter o sofrimento em força criadora. O encontro com a arte, portanto, é também um reencontro com o comum: um exercício de pertencimento e de reconstrução simbólica da dignidade.

A Psicologia Social Comunitária, por sua vez, articula esses princípios ao enfatizar o caráter político da subjetividade. O sujeito é compreendido como histórico e situado, e o trabalho comunitário é pensado como prática de fortalecimento de vínculos e de consciência crítica. A arte, nesse campo, não é mero instrumento pedagógico, mas mediação simbólica de resistência e de criação de sentido. Projetos como o Farol Encantado exemplificam essa perspectiva: ao promover a expressão estética coletiva, abrem espaço para que afetos alegres circulem, e para que o território se torne lugar de potência, não de carência.

A filosofia de Espinosa (1677) oferece o fundamento ontológico dessa articulação entre estética, ética e vida. Sua noção de conatus — o esforço de perseverar na existência — define todo ser como potência de agir e de ser afetado. O corpo e a mente são modos de uma mesma substância, e o campo ético se constitui na variação dessa potência: os afetos alegres aumentam nossa potência de agir; os afetos tristes a diminuem. A servidão humana consiste na dominação dos afetos tristes — medo, ressentimento, culpa — que nos tornam passivos; a liberdade, por sua vez, é o exercício racional e afetivo da potência ativa, que se realiza nos encontros que aumentam a alegria e o poder de existir.

Nessa perspectiva, a arte comunitária é uma prática espinosana: um espaço de encontros que ampliam a potência de agir. Quando a estética emerge das relações de vizinhança, do cuidado com o espaço comum e do gesto compartilhado, ela encarna a ética da alegria ativa. A criação artística coletiva é, portanto, uma forma de conatus comunitário, onde o desejo de existir não é individual, mas partilhado. A ética, nesse horizonte, não se separa da estética porque ambas têm o mesmo princípio: o aumento da potência de vida.

Assim, a teoria vygotskiana da mediação e a ontologia espinosana da potência convergem em uma mesma direção: a de pensar a arte como experiência de

transformação. Vygotsky vê na arte a internalização de sentidos sociais que se tornam funções psíquicas criadoras; Espinosa vê na arte o exercício de afetos ativos que libertam o sujeito da servidão das paixões tristes. Ambas as perspectivas, aliadas à psicologia social crítica e comunitária, sustentam a compreensão da estética como campo de resistência ética e de produção de novas formas de vida.

Essa potência criadora encontra ressonância na filosofia de Espinosa, especialmente em sua *Ética* (1677), onde o filósofo compreende a vida como afirmação de potência e o corpo como lugar de afeto e de ação. Espinosa rejeita qualquer separação entre razão e emoção, corpo e mente, indivíduo e natureza.

Para ele, o bem consiste no aumento da potência de existir — a *potentia agendi* — e a ética é inseparável da alegria, pois é pela alegria que o ser humano reconhece sua capacidade de afetar e ser afetado. Essa compreensão dialoga profundamente com a perspectiva da Psicologia Social Comunitária e com a arte enquanto prática coletiva: ambas se orientam pela produção de encontros que fortalecem a vida e ampliam as possibilidades de expressão.

Desse modo, a arte comunitária, como no caso do Farol Encantado, configura-se como experiência espinosana de alegria ativa, na qual os afetos tristes da exclusão e da impotência são transmutados em potências coletivas de ação. A estética torna-se ética porque se funda na relação, na partilha e na co-criação do comum. A pintura dos muros, a transformação das escadarias, o gesto criador partilhado entre artistas e moradores, tudo isso constitui uma forma de resistência que é, ao mesmo tempo, subjetiva e política, material e simbólica. Trata-se, em última instância, da arte como campo de experimentação da liberdade e da esperança, como caminho de reencantamento do mundo e de reapropriação da própria vida.

3 Métodos

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na perspectiva da psicologia social comunitária e no paradigma histórico-cultural. A pesquisa foi concebida como um processo dialógico e participativo, buscando compreender a experiência estética do projeto Farol Encantado a partir das vozes e afetos dos sujeitos que o constroem no cotidiano.

A pesquisa qualitativa foi escolhida por sua capacidade de captar a complexidade dos fenômenos humanos em sua dimensão simbólica, emocional e relacional (MINAYO, 2001). Diferente dos modelos quantitativos, que buscam generalização e mensuração, a pesquisa qualitativa privilegia a compreensão de significados, o sentido das práticas e a construção compartilhada de conhecimento entre pesquisador e participantes. Essa opção metodológica se alinha à natureza do objeto de estudo — uma experiência estética e comunitária — que só pode ser plenamente compreendida pela escuta sensível e pelo envolvimento afetivo com o campo.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com idealizadores e participantes do projeto — artistas, educadores e moradores da comunidade do Mucuripe —, tendo

como eixo condutor o sentido da arte em suas vidas e as transformações percebidas após as ações coletivas de pintura e revitalização das escadarias. O caráter das entrevistas não foi o de recolher dados “neutros”, mas o de tecer narrativas vivenciais, permitindo que os sujeitos se reconhecessem como autores de suas próprias histórias.

A revisão bibliográfica, por sua vez, teve caráter exploratório e reflexivo, orientando-se pela busca e análise de obras que dialogassem com os eixos teóricos da pesquisa: estética, ética, subjetivação e vida comunitária. Segundo Gil (2008), esse tipo de revisão permite ao pesquisador estabelecer relações entre diferentes conceitos e perspectivas, constituindo o alicerce teórico para a interpretação dos dados empíricos. Assim, a revisão bibliográfica não se limita à função de contextualizar, mas atua como dimensão constitutiva do próprio processo de pensar e sentir o campo.

A escolha dos autores que fundamentam esta análise não se deu de forma arbitrária. Vygotsky foi selecionado por compreender a arte como mediação entre o social e o subjetivo; Sawaia e a psicologia social brasileira, por proporem uma leitura ética e afetiva das desigualdades; Espinosa, por oferecer uma filosofia da potência e da alegria; e Fischer, por afirmar a arte como necessidade vital e instrumento de humanização. Essa constelação teórica reflete a natureza interdisciplinar da pesquisa, em que psicologia, filosofia e arte convergem para pensar a estética como ética da vida.

O processo metodológico, portanto, constituiu-se em duas dimensões interdependentes: a teórica, de caráter interpretativo e hermenêutico, e a empírica, de caráter experiencial e narrativo. Em coerência com a proposta ética do projeto estudado, a pesquisa reconhece que conhecer é também intervir, e que a estética, enquanto modo de estar no mundo, não pode ser dissociada da ação concreta sobre o território.

4 Resultados e discussão

As narrativas recolhidas junto aos participantes do *Farol Encantado* revelam que a experiência estética, longe de se restringir à dimensão formal ou visual, opera como um dispositivo psicossocial de reconfiguração da vida cotidiana. Ao pintar os muros e escadarias do Mucuripe, os moradores e artistas mobilizam não apenas cores e traços, mas afetos, memórias e sentidos de pertencimento. Como relata uma das artistas: “Acredito que essa linguagem da arte urbana consiga munir os jovens, sobretudo da periferia, do sentimento de pertencimento e territorialidade. O sentimento de ter, literalmente com as próprias mãos, o fazer-acontecer-ser-sujeito.” Essa fala sintetiza a potência ética da arte como produção de subjetividade coletiva.

O gesto estético, nesse contexto, torna-se um gesto político: ao colorir o espaço, os participantes reapropriam-se simbolicamente do território, enfrentando o que Sawaia (2011) denomina “negação de poder de ação e representação” — núcleo da pobreza multidimensional. A estética, portanto, emerge como estratégia de humanização, pois reativa o desejo e a capacidade de agir no mundo.

Na perspectiva vygotskyana, a arte é uma forma superior de atividade humana, capaz de reorganizar emoções e criar significações (VYGOTSKY, 2001). Essa dimensão aparece claramente nas falas dos entrevistados: a beleza das cores, o compartilhamento do fazer e o reconhecimento do outro produzem novos modos de sentir e novas linguagens de comunidade. A vivência estética, segundo o autor, “cria uma atitude sensível para os atos posteriores” — e, no caso do Mucuripe, essa atitude traduz-se em ação política e ética, em vontade de ocupar espaços de decisão e de voz.

Fischer (1949) compreende a arte como manifestação da necessidade humana de compreender e transformar o real; não é um luxo, mas uma forma de conhecimento e resistência. No *Farol Encantado*, a arte cumpre exatamente essa função: devolver aos sujeitos a capacidade de narrar-se e intervir. O ato de pintar os muros torna-se o ato de escrever-se na cidade, uma inscrição simbólica que resiste ao apagamento histórico e social das periferias urbanas.

Sob a ótica espinosana, a potência de agir (*conatus*) é ampliada pela alegria e pelo encontro com outros corpos e afetos que nos fazem perseverar na existência (ESPINOSA, 1677). As práticas coletivas do *Farol Encantado* expressam essa ética da alegria, em que o belo não é apenas o estético, mas o modo de existir junto. O encantamento relatado pelos participantes não é metáfora: é efeito concreto de uma estética que se converte em ética da vida.

Os resultados indicam que a experiência artística promoveu fortalecimento comunitário, aumento do sentimento de pertencimento, e mobilização para participação política local. O território, antes marcado pelo estigma da violência, torna-se espaço de convivência, memória e criação. A arte, nesse cenário, deixa de ser representação e passa a ser acontecimento, uma forma de reorganizar a realidade social a partir da sensibilidade.

Além das evidências já mencionadas, observou-se que a participação contínua no projeto potencializou habilidades sociais e cognitivas entre os envolvidos, promovendo o desenvolvimento de estratégias colaborativas para resolução de problemas cotidianos. O engajamento coletivo na pintura e na organização do espaço evidenciou que a estética atua como catalisador de competências emocionais, como empatia, resiliência e capacidade de diálogo, reforçando a dimensão psicossocial do projeto. Esse efeito ressalta a importância da prática artística não apenas como intervenção cultural, mas como ferramenta de inclusão e fortalecimento comunitário.

Outro ponto relevante diz respeito à sustentabilidade das mudanças percebidas. Os relatos indicam que o impacto do Farol Encantado vai além do tempo de execução das atividades, criando memórias afetivas e hábitos de cuidado com o espaço público. Essa permanência sugere que a experiência estética pode ser incorporada como estratégia duradoura de educação socioemocional e engajamento cívico, contribuindo para a construção de uma comunidade mais consciente, participativa e resiliente.

Assim, a estética se mostra não apenas como experiência sensorial, mas como categoria ética e política, orientada à afirmação da vida e à produção de novas subjetividades. Ao unir design, arte urbana e envolvimento comunitário, o projeto Farol

Encantado exemplifica uma prática estética que humaniza, emancipa e transforma, reafirmando que o belo, nas margens, também é potência revolucionária.

Considerações finais

A experiência do Farol Encantado evidencia que a estética, quando atravessa o cotidiano e o território, converte-se em força ética, em prática de vida que recusa a passividade e afirma a potência coletiva. O ato de pintar, de criar, de colorir o comum é um gesto político e afetivo que ressignifica o espaço urbano e o corpo social. Em termos vygotskianos, trata-se de um processo de mediação simbólica que reorganiza a experiência e produz novas formas de consciência. A arte, ao ser apropriada pela comunidade, transforma o real e transforma o sujeito, operando como categoria de desenvolvimento humano e social.

Na leitura espinosiana, essa prática coletiva é também um ato de liberdade. A alegria que emerge da criação compartilhada é a expressão de uma potência ativa — a mesma que, em Espinosa, define a ética como afirmação da vida. O Farol Encantado é um exemplo concreto do que o filósofo chama de aumento da potência de existir: uma multiplicação de corpos e afetos que se encontram e se fortalecem. A estética, nesse sentido, não é um luxo, mas uma necessidade ontológica: é pela arte que o corpo social se reconhece e se refaz.

A Psicologia Social Comunitária contribui para compreender que essa potência não é abstrata, mas histórica. Ela se constroi no enfrentamento das desigualdades, na criação de vínculos solidários e na elaboração simbólica do sofrimento. O projeto, ao promover a arte como prática coletiva, desloca os moradores do lugar de espectadores para o de autores, instaurando o que Vygotsky chamaria de atividade criadora socialmente mediada. O sujeito, ao agir sobre o mundo, é simultaneamente transformado por ele — e nesse processo reside a essência da emancipação.

A ética espinosana e a psicologia histórico-cultural convergem, portanto, na afirmação da vida como potência de criação. Ambas recusam a separação entre razão e afeto, entre individual e coletivo, entre corpo e pensamento. A estética do Farol Encantado é, assim, uma estética da imanência: nasce do chão, dos corpos, das escadarias, das cores, das mãos que pintam juntas. É a afirmação de que “ninguém sabe o que pode um corpo”, e de que esse corpo pode, sobretudo, criar beleza onde o mundo quis impor ausência.

Conclui-se, portanto, que a arte comunitária é uma forma de ética vivida — uma ética que não se expressa em mandamentos, mas em gestos; que não se ensina, mas se compartilha. A estética, enquanto experiência coletiva e emancipatória, torna-se o espaço onde o sofrimento se transforma em alegria ativa, e onde o comum se torna fonte de potência e de liberdade. O Farol Encantado ilumina o Mucuripe e, mais do que isso, ilumina o próprio sentido de existir juntos: criar é resistir, e resistir é criar.

Referências Bibliográficas

ESPINOSA, Bento de. **Ética demonstrada à maneira dos geômetras**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LANE, Silvia Tatiana Maurer; SAWAIA, Bader Burihan (orgs.). **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo: EDUC; Cortez, 2007.

SAWAIA, Bader Burihan. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia da arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para *professores*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKY, Lev. **The psychology of art**. Cambridge, MA: MIT Press, 1971. (Publicação original de 1925).

Editorial


Editor-chefe:

Vicente de Paulo Augusto de Oliveira Júnior
Centro Universitário Fanor Wyden
vicente.augusto@wyden.edu.br

Editores responsáveis:

Ozângela de Arruda Silva
Centro Universitário Fanor Wyden
ozangela.arruda@wyden.edu.br

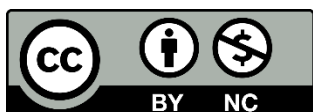
Autor(es):

Noelle Abreu Siebra 
Centro Universitário Fanor Wyden
noelle.siebra@unifanor.edu.br
Contribuição: *Contextualização, investigação, escrita e desenvolvimento do texto.*

Submetido em:**Aprovado em:****Publicado em:****DOI:****Financiamento:****Como citar este trabalho:**

ABREU SIEBRA, Noelle. A estética como ética de vida: o projeto Farol Encantado e o design periférico. **Duna**: Revista Multidisciplinar de Inovação e Práticas de Ensino, Fortaleza, v. 1, 3, p. XX-XX, jul./set. 2025.
(ABNT)

Cavalcante, L. S. (2025). A estética como ética de vida: o projeto Farol Encantado e o design periférico. **Duna**: revista multidisciplinar de inovação e práticas de ensino, 1(3), XX-XX. <https://doi.org/10.5281/zenodo.17561289>
(APA)



© 2025 Duna – Revista Multidisciplinar de Inovação e Práticas de Ensino. Centro Universitário Fanor Wyden – UniFanor Wyden. Este trabalho está licenciado sob uma licença *Creative Commons* Atribuição - Não comercial - Compartilhar 4.0 Internacional CC-BY NC 4.0 Internacional).